

SAKSAL

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

#22 (tomo 4) Jul. 2019

FORNOS DE CAL ARTESANAIS DE PATAIAS

(Alcobaça)

Notas sobre a
bioarqueologia da Ermida do
Espírito Santo (Almada)

Os botões patrióticos /
/ monárquicos D JOAO VI
PRINCEPE REGENTE

Artes do couro no
medievo peninsular:
parte 2



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

Al-Madan e Al-Madan Online

dois suportes... duas publicações diferentes...

o mesmo cuidado editorial



ISSN 0871-066X

revista impressa

em venda directa

[desde 1982]

Última edição: N.º 21, 2017

Em preparação: N.º 22, 2019

toda a informação em...

<http://www.almadan.publ.pt>

revista digital completa em...

<http://issuu.com/almadan>



ISSN 2182-7265

revista digital

em formato pdf

[desde 2005]

Últimas edições:

N.º 22, tomo 3, Janeiro, 2019

N.º 22, tomo 4, Julho, 2019

Em preparação:

N.º 23, tomo 1, Janeiro, 2020





Capa | Jorge Raposo

“Casa dos forneiros” no complexo de fornos de cal artesanais da freguesia de Pataias, em Alcobaça. Serviria para armazenar ferramentas e dar apoio e local de descanso aos trabalhadores.

Foto © Fernando Ricardo Silva.

al-madan
online

II Série, n.º 22, tomo 4, Julho 2019

Proprietário e Editor |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

Sede | Travessa Luís Teotónio
Pereira, Cova da Piedade,
2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | c.arqueo.alm@gmail.com

Internet | www.almadan.publ.pt

ISSN | 2182-7265

Estatuto editorial |

www.almadan.publ.pt

Distribuição | <http://lissuu.com/almadan>

Parceria | ArqueoHoje - Conservação e Restauro do Património Monumental, Ld.ª / Câmara Municipal de Oeiras / Associação dos Arqueólogos Portugueses

Apoio | Neoépica, Ld.ª

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Centro de Arqueologia de Almada (c.arqueo.alm@gmail.com)

Conselho Científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Redacção | Centro de Arqueologia de Almada (sede): Vanessa Dias, Ana Luísa Duarte, Elisabete Gonçalves e Francisco Silva

Resumos | Jorge Raposo (português), Luisa Pinho (inglês) e Maria Isabel dos Santos (francês)

Modelo gráfico, tratamento de imagem e paginação electrónica | Jorge Raposo

Revisão | Fernanda Lourenço, José Carlos Henrique e Sónia Tchissolle

Colaboram neste número |

Suely Amâncio-Martinelli, Telmo António, Gertrudes Branco, Francisco Curate, Pedro Dâmaso, Ana L. Duarte, Cidália Duarte, José d'Encarnação, Lídia Fernandes, Sebastião L. de Lima Filho, Graça Filipe, Rui Ribolhos Filipe, Sílvia Gómez Jiménez, Fernando Robles Henriques, M. Reyes López Jurado, Virgílio Lopes, Sonia Madrid Medrano, Marta Manso, Maria de Fátima Palma, Franklin Pereira, Natália

Quitério, Raquel Caçote Raposo, João Rebugo, Morgana Cavalcante Ribeiro, Leonor Rocha, Clara Rodrigues, Sérgio Rosa, Pedro Silva Sena, Miguel Serra, Fernando Ricardo Silva, Amada V. Tirado González e Isabel Tissot.

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan Online* não seguem o Acordo Ortográfico de 1990. No entanto, a revista respeita a vontade dos autores, incluindo nas suas páginas tanto artigos que partilham a opção do editor como aqueles que aplicam o dito Acordo.

A importância das recensões bibliográficas enquanto elementos de auto-avaliação para os autores recenseados, mas também de reflexão e debate científico com os seus pares, é tema de que se ocupa a crónica que abre o presente tomo da *Al-Madan Online*, num espaço onde é ainda evocado o ambiente social e cultural que se viveria em Santarém nas vésperas da reconquista cristã, através da obra de autores nascidos na Shantarín islâmica por meados do século XI.

Da crescente extensão dos projectos de investigação arqueológica planificada a contextos modernos e contemporâneos, é exemplo artigo dedicado ao levantamento dos fornos de cal na freguesia de Pataias (Alcobaça), onde, da segunda metade do século XIX ao final do século XX, funcionou o maior e mais importante complexo artesanal deste tipo conhecido em Portugal.

A Arqueologia portuguesa está igualmente representada pelos resultados de acompanhamento no centro histórico de Vinhais, que identificou parte do adarve e da barbacá do respectivo castelo, datada do século XVI. E, do outro lado do Atlântico, o sítio do Boqueirão da Lajinha permitiu abordar a relação entre a arte rupestre e as comunidades locais da Área Arqueológica de Sobradinho (Bahia, Brasil), na perspectiva da Arqueologia Sensorial.

Interagindo com outras áreas disciplinares, a necrópole da Ermida do Espírito Santo, em Almada, forneceu elementos de análise bioarqueológica para um conjunto de 88 indivíduos aqui inumados, e clarificou vários aspectos da vida e da morte nesta cidade, sobretudo nos séculos XVII e XVIII.

Sobre representações simbólicas associadas à superstição e ao culto religioso, trata também o estudo de parte do espólio recolhido pelo arqueólogo Hipólito Cabaço no castelo de Alenquer, ao longo das décadas de 1920 e 1930. Um segundo estudo centra-se nos botões usados ao tempo de D. João VI, designadamente em exemplares produzidos entre 1807-1808 e 1816, quando o futuro monarca português ostentava o título de Príncipe Regente do Reino do Brasil, durante o exílio da corte forçado pelas invasões francesas.

A pertinência da Educação Patrimonial é bem ilustrada por projecto que levou às freguesias do Município de Beja um conjunto de actividades para divulgar o património regional da Idade do Bronze, desafiando as comunidades e os agentes locais a interpretar o território e as suas transformações nos últimos 3000 a 3500 anos.

O estudo das artes do couro na produção medieval ibérica conhece nova publicação, desta feita dedicada aos baús de couro fino com incisões de inspiração gótica, e as ferramentas tradicionais usadas na extracção do sal na zona da Figueira da Foz são também analisadas, em termos morfológicos, funcionais e lexicais.

Por fim, há noticiário arqueológico diverso, destaque de iniciativas editoriais recentes, comentários a eventos científicos e/ou patrimoniais e uma agenda dos que já se anunciam para os próximos meses. Tudo razões para bons momentos de leitura!

Jorge Raposo

EDITORIAL ...3 ▶

CRÓNICAS

Uma Voz a Bradar no Deserto | José d'Encarnação...6 ▶

As Vésperas de Shantarín | Pedro Silva Sena...9 ▶

ARQUEOLOGIA



Os Fornos de Cal Artesanais de Pataias (Alcobaça): resultados de um levantamento arqueológico | Fernando Ricardo Silva...14 ▶

A Barbacá do Castelo de Vinhais | Pedro Dâmaso...36 ▶



ARQUEOLOGIA BRASILEIRA



Arqueologia Sensorial, Arte Rupestre e Comunidades | Sebastião Lacerda de Lima Filho, Morgana Cavalcante Ribeiro e Suely Amâncio-Martinelli...45 ▶

ARQUEOCIÊNCIAS



Entre a Vida e a Morte: notas sobre a bioarqueologia da Ermida do Espírito Santo (Almada) | Francisco Curate, Telmo António, Sérgio Rosa e Fernando Robles Henriques...58 ▶

ESTUDOS



Culto e Superstição: representações do religioso e do simbólico no espólio arqueológico exumado no Castelo de Alenquer | Raquel Caçote Raposo...67 ▶



Desabotoar o Passado: os botões patrióticos / monárquicos D JOAO VI PRINCEPE REGENTE e outros | Rui Ribolhos Filipe...72 ▶

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL



12 Lugares, 12 Meses, 12 Histórias:
a Idade do Bronze na região de Beja |
Miguel Serra...77 ▶

NOTICIÁRIO ARQUEOLÓGICO

Atividades de Educação Patrimonial:
Campo Arqueológico de Mértola |
Maria de Fátima Palma e Clara
Rodrigues...122 ▶

Cultura Material e Cultura
Científica: património industrial para
o futuro – Projecto IH4Future |
Isabel Tissot, Marta Manso e
Graça Filipe...123 ▶

LIVROS & REVISTAS

O Enigma da Torre de Centum Celas |
José d'Encarnação...124 ▶

Arqueologia de Salvaguarda. Lei, território
e desordem | João Rebuge...126 ▶

Novidades editoriais...125, 127
e 128-129 ▶

EVENTOS

Colóquio Irisalva Moita: vida e obra |
Lídia Fernandes...130 ▶

A Salvaguarda Arqueológica em Portugal |
Leonor Rocha, Cidália Duarte e
Gertrudes Branco...134 ▶

La Universidad Complutense de Madrid
Acoge un Encuentro Europeo Sobre Epigrafía
Edilicia | Silvia Gómez Jiménez y Sonia
Madrid Medrano...136 ▶

PATRIMÓNIO



Artes do Couro no Medievo
Peninsular. Parte 2: os baús góticos |
Franklin Pereira...87 ▶



O Estudo do Património Salícola:
ferramentas tradicionais de produção
de sal do complexo do Núcleo
Museológico do Sal (Figueira da Foz) |
Natália Quitério...106 ▶



Crónica del Seminario Internacional Eternidades
Compartidas: el mundo funerario a occidente de las
Columnas de Melqart | M. Reyes López Jurado y
Amada V. Tirado González...138 ▶

Encontro Internacional O Território e a Gestão
dos Recursos Entre a Antiguidade Tardia e o
Período Islâmico | Maria de Fátima Palma
e Virgílio Lopes...141 ▶

Eventos Científicos Recentes na Internet |
Ana Luísa Duarte...143 ▶

Agenda de eventos...144 ▶

Culto e Superstição

representações do religioso e do simbólico no espólio arqueológico exumado no Castelo de Alenquer

Raquel Caçote Raposo ¹

INTRODUÇÃO

Desde tempos imemoriais, o Homem procurou criar corpos que exprimissem ideais, valores, crenças e devoções. Sob a forma de símbolos, com uma conotação implícita que sugere ou comunica algo, signos de culto e superstição representam imageticamente fé, compromissos, práticas e identidades.

No decurso das décadas de 20 e 30 do século XX, Hipólito Cabaço ¹ explorou o castelo de Alenquer, de onde recolheu um interessante conjunto artefactual deixado, maioritariamente, inédito até aos nossos dias, e que nos coube, no âmbito do nosso projecto de mestrado, estudar. Nele reconhecemos objectos agregáveis em diversas funcionalidades, como sejam a de atitudes e manifestações, que aqui apresentamos, enquadráveis no período tardo-medieval / moderno – o mais representado na Colecção – e em época contemporânea.

PROBLEMÁTICAS E LIMITAÇÕES

Muito embora reconhecendo o *arqueossítio* ² como um local de elevado interesse científico – porquanto foi palco de efemérides que se encontram circunstanciadas em estudos historiográficos e outros, mormente potenciado por ter sido integrante do território sucessivamente doado às Rainhas –, partimos conscientes das problemáticas e limitações, determinadas pela natureza dos registos existentes e, até, pelo estado actual do nosso saber.

¹ Hipólito Cabaço (1885-1970), pioneiro autodidacta e precursor da Arqueologia na região de Alenquer.

² O Castelo de Alenquer (CNS 4008) encontra-se classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1955-10-20 pelo Decreto n.º 40361 (ver WEBGRAFIA).

RESUMO

Estudo de um conjunto de espólio arqueológico exumado no castelo de Alenquer, em intervenções realizadas pelo arqueólogo Hipólito Cabaço nas décadas de 1920 e 1930, aqui circunscrito aos objectos ligados ao culto religioso ou a outras manifestações simbólicas.

Esses materiais comprovam que, muito embora vocacionado para a prática da guerra, o castelo medieval de Alenquer assumiu uma importante componente civil, atestada pelos elementos de culto e superstição relacionados com práticas públicas e privadas.

PALAVRAS CHAVE: Idade Média (cristão); Idade Moderna; Religião.

ABSTRACT

Study of a set of archaeological assets exhumed at the Alenquer castle during interventions carried out by archaeologist Hipólito Cabaço in the 1920s and 1930s.

The author focusses on objects used in religious celebrations or other symbolic manifestations.

These materials prove that although the Alenquer Medieval castle had a warfare vocation, it also played an important civilian role, which is clear in the celebration and superstition elements related to public and private practices.

KEY WORDS: Middle Ages (Christian); Modern age; Religion.

RÉSUMÉ

Etude d'un ensemble de dépouilles archéologique exhumé au château d'Alenquer, lors d'interventions réalisées par l'archéologue Hipólito Cabaço dans les décennies 1920 et 1930, ici circonscrit aux objets liés au culte religieux ou à d'autres manifestations symboliques.

Ces matériaux prouvent que, bien que destiné à la pratique de la guerre, le château médiéval d'Alenquer a assumé une importante composante civile, attestée par les éléments de culte et de superstition liés à des pratiques publiques et privées.

MOTS CLÉS: Moyen Âge (chrétien); Période moderne; Religion.

¹ Arqueóloga (raquel.dc.raposo@gmail.pt).

Por opção da autora, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

Hipólito Cabaço nada publicou, *per se*, dos resultados obtidos no decurso das suas explorações, e o que chegou até nós são referências feitas pela mão de outros autores, nomeadamente análises de espólio³. Ademais, o castelo de Alenquer permanece, pela manifesta ausência de intervenções arqueológicas no terreno, como um dos menos estudados. Pouco se conhece acerca dos seus estágios e configuração precedentes, bem como da evolução da fortificação e dos seus quotidianos, sendo ideia perfilhada por alguns autores que o formato inicial lhe tenha sido dado pelos muçulmanos, que terão fortificado a povoação⁴.

À falta de registos suficientes, desconhecemos em que locais precisos do castelo Cabaço interveio, bem como os contextos com que se terá deparado. É impossível determinar se tinha caderno de campo e se, de alguma forma, fez alguns registos, dado que, a terem existido, não chegaram até nós. Mas, se a ausência de registos estratigráficos nos impede de ter uma leitura precisa sobre as condições de depósito, os testemunhos artefactuais exumados naquele espaço não devem, a nosso ver, deixar de ser olhados como fontes históricas. Foi, pois, com o propósito de falar a *linguagem das coisas*, de fazer História a partir de objectos, utensílios, artefactos que, não sendo mudos, comunicam acerca de gentes, seu *modus vivendi* e realidades pretéritas, que nos propusemos à tarefa de dar o nosso contributo na análise, o mais completa e actual possível, de um Sítio que, aos nossos dias, nada corresponde à realidade para a qual foi construído, tanto em forma como em funcionalidade que, como se sabe, são definidas por conjunturas e necessidades específicas, que se vão alterando e redefinindo ao longo dos tempos.

³ Naquilo que a este Sítio diz respeito, permitimo-nos destacar Luciano Ribeiro, José Luís de Matos e João José Gomes (ver RIBEIRO, 1936; MATOS, 1971; GOMES, 1978).

⁴ Ver FERRO (1996: 41) e MARTINS (2016: 333-335). A fortificação de Alenquer foi tomada pelas forças cristãs de D. Afonso Henriques no ano de 1148.

AS INTERVENÇÕES DE HIPÓLITO CABAÇO, NOS ANOS 20 E 30 DO SÉCULO XX

Em 20 de Fevereiro de 1927, Cabaço descobriu “No meio do local ocupado pela Alcaçova do Castelo, e sob metro e meio de entulho e terra, [...] a boca da cisterna, ou por outra, o buraco na abóbada, onde em tempos assentava a boca, ou bocal”. Sobre as circunstâncias do achado contou o próprio ter-se tratado de uma questão intuitiva, avaliando da pertinência da existência de uma, ou mais, cisternas na fortaleza⁵. A descoberta e a autorização para a sua desobstrução, que Cabaço viria a realizar dias mais tarde, encontra-se exarada na acta da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Alenquer de 24 de Fevereiro de 1927; e desse processo resultou a descoberta de moedas e outros objectos, cuja relação é apresentada, a par da descrição do reservatório de águas, na *Breve notícia sobre a Cisterna do Castelo de Alenquer e Descrição das moedas e mais objectos ali encontrados quando da limpeza a que se procedeu após a sua descoberta, em vinte de Fevereiro de Mil Novecentos Vinte e Sete*⁶.

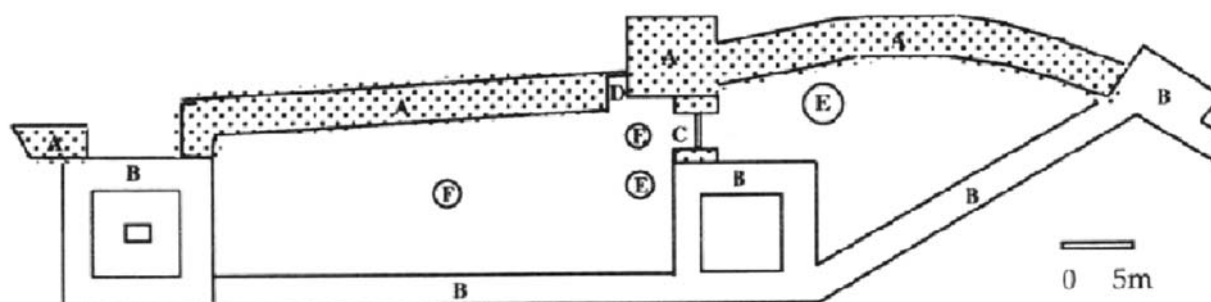
De entre o variado material, Cabaço dá a conhecer ter exumado, do fundo da cisterna, moedas da Dinastia de Avis (D. João I, D. Duarte, D. Afonso V, D. João II, D. João III e D. Sebastião) e, do entulho que tapava a parte superior, moedas da Dinastia de Bragança (D. João V).

Contudo, os trabalhos de Cabaço no castelo de Alenquer não se cingiram unicamente à cisterna. No decurso da terceira década do século XX, escavou em diversos pontos desse Sítio. Desses trabalhos deu conta, numa primeira instância, Luciano Ribeiro na sua *Alenquer. Subsídios para a sua história*, em 1936, que relata que os trabalhos de-

⁵ COMISSÃO ADMINISTRATIVA da Câmara Municipal de Alenquer, {Acta} 1927 Março 03 {Manuscrito}, AHMA (transcrição parcial).

⁶ Lavrada na acta da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Alenquer, de 03 de Março de 1927.

FIG. 1 – Planta do Castelo de Alenquer. Parte da Alcáçova de construção Fernandina (segundo Luciano Ribeiro, in FERRO, 1996: 51).



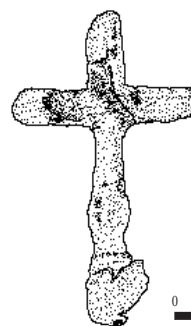
A - Muralha e torre Fernandinas. B - Muralha e torre Pré-Fernandinas.
C - Porta da Entrada. D - Porta da Traição. E - Silos. F - Cisterna

correram da combinação dos esforços da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Alenquer e de Cabaço; aventando haverem sido postas a descoberto, perto da alcáçova, construções fernandinas e pré-fernandinas; e identificados “*dois pisos correspondentes a duas épocas: O superior correspondente à 2ª dinastia, o inferior à 1ª dinastia*”, e que a sua identificação foi feita por moedas, cujo número contabilizou em cerca de trezentas (RIBEIRO, 1936: 64, 66 e 67).

DO RELIGIOSO E DO SIMBÓLICO NO ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO EXUMADO NO CASTELO DE ALENQUER

Os objectos de culto religioso de época moderna encontram-se representados no castelo de Alenquer através de cruzes simples em ferro, de produção artesanal (N.º Inv. 1664), e de um terço (N.º Inv. 1880). Não encontramos, à data, paralelos para as primeiras, que se encontram muito concrecionadas – o que dificulta a análise do objecto completo –, nem para o terço, elaborado em fio de couro e contas de sementes, matéria-prima barata e acessível, que conhece perduração de uso ao longo do tempo, como o comprovam os exemplares de contas de sementes recolhidas a bordo da fragata *Sr. António de Taná* (TORRES, 2013). Este rosário apresenta-se incompleto, faltando-lhe 18 contas. Elementos de ligação ao divino, estes artefactos apresentam uma potencial cronologia entre os séculos XIV e XVII, que se conhecem amplamente marcados pela instabilidade e desorganização política, crise económica e religiosa (grande Cisma da Igreja Romana), fome e peste, assim como por conflitos políticos, económicos e sociais decorrentes da ocupação filipina e da União Ibérica (1580-1640) motivadores, *per si*, de *proselitismo*, seja por crença, redenção / salvação ou canal de comunicação e intercedência junto de Deus. Nos tempos em que o ciclo de vida era curto e a vulnerabilidade do Homem aumentava, a religiosidade assumia-se como expressão máxima do comportamento social.

Símbolos de um contínuo imaginário cristão, os objectos de culto reconhecidos no castelo de Alenquer mostram-se, assim, como sinais da prática cristã, do pacto entre Deus e os Homens; *grosso modo*, a esfera do sagrado e do religioso no quotidiano individual, seja ele privado ou semiprivado quando se rezam orações ou ladainhas; ou quando assume contorno público ou semipúblico.



FIGS. 2 E 3 – Cruzes, lisas, em ferro.

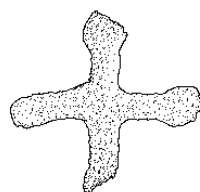


FIG. 4 – Rosário elaborado a partir de fio de couro e contas de sementes.

Para além desses, na colecção exumada por Cabaço na fortificação de Alenquer, identificaram-se dois artefactos em osso polido, atribuíveis à esfera do simbólico (amuletos). Trata-se de um pequeno busto, de perfil (N.º Inv. 1665), e de um objecto em forma de cabeça oculada, configuração quadrangular com a parte superior arredondada (N.º Inv. 1665). Este último encontra-se incompleto.



FIG. 5 – Pequeno busto, de perfil, em osso polido.

Não havendo aqui lugar à distinção entre aquilo que é considerado sagrado e/ou profano – até pela própria subjectividade na interpretação do conceito e sua simbologia –, entendemos estes artefactos como manifestação do simbólico, da superstição.

É possível que estes objectos façam parte integrante do conjunto em osso mencionado por Luciano Ribeiro, em 1936, exumados no local onde outrora se ergueu uma “*torre que ardeu e [...] era, certamente, uma prisão*” (RIBEIRO, 1936: 64), presídio que deverá ter funcionado até meados do século XVI, altura em que foi edificado um outro espaço.

E, nessa circunstância, assumem, a nosso ver, particular importância porquanto são conhecidos objectos mágico-religioso talhados em osso animal, exumados no edifício do Aljube, em Lisboa (FERREIRA, 2006). De entre os objectos aí recolhidos – onde se contam peças num primeiro, segundo e terceiro estágio de talhe, elaboração e conclusão, respectivamente –, verifica-se a presença de cruzes de diversos formatos, bem como outras tipologias dentro da temática religiosa, por exemplo, estrelas e crânios, integráveis no século XVI.



FIG. 6 – Elemento em forma de cabeça, oculada, em osso polido.

Provavelmente produzidos artesanalmente por detidos na prisão que outrora funcionou numa das torres do Castelo de Alenquer, estes dois objectos podem, pois, revestir-se por uma forma de culto de crânios, sob sinal da morte ou de redenção⁷.

⁷ Sendo os presos do Aljube eclesiásticos, Ana Rita Ferreira conclui que os crânios ali recolhidos assumiriam significado de redenção (FERREIRA, 2006: 51). No caso do *Sítio* em apreço não conseguimos, à falta de dados, ultimar conclusões.

FIG. 9 – Molde para selos em calcário.



FIG. 7 – Cruz de calvário em liga de cobre.



FIG. 8 – Figa.

Os objectos de culto e superstição de época contemporânea encontram-se representados através de uma cruz de calvário (N.º Inv. 4948) e de uma figa (N.º Inv. 1665/19).


A cruz de calvário, em liga de cobre, apresentando Cristo em vulto perfeito, mostra “INRI” numa cartela que encima a cabeça e, no braço esquerdo, um pequeno monte com três caveiras. Este exemplar, para culto religioso, com 43 x 26 mm, encontra-se destituído do braço direito e mostra orifício para suspensão. Conhece paralelo no castelo de Castelo Branco (BOAVIDA, 2011: 25), datável dos séculos XVII-XVIII. A superstição encontra-se representada por uma figa em osso, constituída por uma pequena mão fechada com o dedo polegar enfiado entre o dedo indicador e o dedo do meio. Apresenta orifício para ser utilizado como pendente, revelando uso como amuleto. Este exemplar conhece paralelo com um congénere, de proveniência indeterminada, integrado nos séculos XVIII-XIX (ver MURALHA DE D. DINIS, na WEBGRAFIA). De cronologia indeterminada, há ainda um molde para selos, em calcário, contendo motivo cruciforme (N.º Inv. 19231).

NOTAS FINAIS

Muito embora sem recursos metodológicos, as escavações realizadas por Hipólito Cabaço no recinto superior da fortaleza de Alenquer e na área da Porta da Conceição, proporcionaram importantes testemunhos representativos da utilização militar e civil daquele espaço em distintas épocas.

Os dados arqueológicos em apreço corroboram que, muito embora vocacionado para a prática da guerra, o castelo medieval de Alenquer assumiu uma importante componente civil, como o confirmam os elementos de culto e superstição, relacionados com práticas privadas, ou semiprivadas, ou de contornos públicos, ou semipúblicos.

O conjunto artefactual em que estes elementos se inserem permitiu reconhecer uma larga diacronia cronológica balizada entre o 1.º-2.º quartel do III milénio a.C. e a época contemporânea, identificando importantes testemunhos das vivências quotidianas das populações pretéritas que ocuparam, de forma contínua ou ininterrupta, aquele *Sítio*.

A vivência medieval cristã e moderna do recinto encontra-se representada, mas é indubitável que o material tardo-medieval e de inícios da época moderna documenta aquela que corresponderá à última fase de ocupação intensiva deste espaço com propósitos militares; e que a ocupação do espaço se terá dado, embora de forma pontual, até meados do século XVIII. 

FONTES

COMISSÃO ADMINISTRATIVA da Câmara Municipal de Alenquer, {Acta} 1927 Fevereiro 24 {Manuscrito}, Arquivo Histórico Municipal de Alenquer.
COMISSÃO ADMINISTRATIVA da Câmara Municipal de Alenquer, {Acta} 1927 Março 03 {Manuscrito}, Arquivo Histórico Municipal de Alenquer.

BIBLIOGRAFIA

- BOAVIDA, Carlos (2011) – “Artefactos Metálicos do Castelo de Castelo Branco (Portugal)”. *Açaфа On-line*. Vila Velha de Ródão: Associação de Estudos do Alto Tejo. 4. Em linha. Disponível em <http://bit.ly/2KmmECc> (consultado em 2019-06-16).
- FERREIRA, Ana Rita Marques (2006) – *Arqueozoologia num Contexto Prisional. Métodos e Técnicas de trabalho do osso utilizados na prisão do Aljube - Lisboa na segunda metade do Século XVI*. Dissertação de Mestrado em Quaternário e Pré-História apresentada ao Instituto Politécnico de Tomar / Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- FERRO, João Pedro (1996) – *Alenquer Medieval (Séculos XII-XV). Subsídios para o seu estudo*. Cascais: Patrimonia (*Patrimonia Historica*).
- GOMES, João José Fernandes (1978) – “Um Vaso Campaniforme de Alenquer”. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: Assembleia Distrital de Setúbal. 4: 61-66.
- MARTINS, Miguel Gomes (2016) – *Guerreiros de Pedra. Castelos, Muralhas e Guerra de Cerco em Portugal na Idade Média*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- MATOS, José Luís de (1971) – “Notícia de uma Coleção de Cerâmica Medieval do Museu Hipólito Cabaço de Alenquer”. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. Coimbra: Ministério da Educação Nacional / Junta Nacional da Educação. Vol. II, pp. 571-576.
- RAPOSO, Raquel Caçote (2017) – *Castelo de Alenquer: ensaio sobre a Coleção Hipólito Cabaço*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Em linha. Disponível em <http://hdl.handle.net/10362/24808> (consultado em 2019-06-16).
- RIBEIRO, Luciano (1936) – *Alenquer. Subsídios para a sua história*. Alenquer: Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Alenquer (fac-símile).
- TORRES, Andreia Martins (2013) – “As Contas a Bordo da Fragata *São António de Taná*: um exemplo de intercâmbios num mundo global”. *História Revista*. Goiânia. 18 (2). Em linha. Disponível em <http://bit.ly/2KRCIRu> (consultado em 2019-06-16).

WEBGRAFIA

- DECRETO N.º 40361 (1955) – *Diário do Governo*. 1.ª Série, N.º 228, pp. 914-915. Em linha. Disponível em <http://bit.ly/2MSbIP3> (consultado em 2019-06-16).
- MURALHA D. DINIS (s.d.) – Lisboa: Museu do Dinheiro. Em linha. Disponível em <http://bit.ly/2KnuE6b> (consultado em 2019-06-16).

PUBLICIDADE



CAA
Centro de Arqueologia de Almada

Associação de Utilidade Pública
Sem Fins Lucrativos

Organização Não-Governamental
de Ambiente

1972 - 2019

47 anos
de intervenção social

**uma Associação
em que dá gosto
participar!**

peça já a sua ficha de inscrição

[travessa luís teotónio pereira,
cova da piedade, almada]

[212 766 975 | 967 354 861]

[c.arqueo.alm@gmail.com]

[<http://www.caa.org.pt>]

[<http://www.facebook.com>]

almada online

[\[http://www.almadan.publ.pt\]](http://www.almadan.publ.pt)

[\[http://issuu.com/almadan\]](http://issuu.com/almadan)

uma edição



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

[\[http://www.caa.org.pt\]](http://www.caa.org.pt)

[\[http://www.facebook.com\]](http://www.facebook.com)

[\[c.arqueo.alm@gmail.com\]](mailto:c.arqueo.alm@gmail.com)

[212 766 975 | 967 354 861]

[travessa luis teotónio pereira, cova da piedade, almada]